

Desfazendo Gênero

Sexodissidência, sociabilidade e resistência através das artes em Recife: Uma interlocução entre duas pesquisas

Isabela de França Meira (UFPE) - isab.meira@gmail.com

Estella Duflot (UFPE) - estella.duflot@gmail.com

José Ítalo Francolino (UFPE) - jose.italo.f@gmail.com

Orientadora: Karla Galvão Adrião (UFPE) - karla.galvao@ufpe.br

Orientador: Luís Felipe Rios (UFPE) - lfelipe.rios@gmail.com

ST 08: Combinaram Nos Matar, Mas Nós Combinamos Não Morrer: Trocas De Saberes Resistentes.

Resumo: Discorremos sobre a relação entre sociabilidade e possibilidade de expressão sexodissidente, através dos resultados de duas pesquisas: 1) sobre Contextos sociais, respostas programáticas e marcações subjetivas na vulnerabilidade ao HIV/AIDS de homens que fazem sexo com homens (HSH); e 2) sobre coletivos sexodissidentes e ativismos, ambas realizadas em Recife. Partimos da perspectiva decolonial e sexodissidente, que negritam a organização social opressora como sistema necropolítico a se combater, bem como a indissociabilidade do patriarcado ao capitalismo e ao racismo, ressaltando que o sistema sexopolítico cisheterossexista também compõe essa estrutura “heterocapitalista” genocida. Tomando a questão da sociabilidade como mote, questionamos como as pessoas sexodissidentes produzem brechas no sistema, convivendo, se relacionando, indo a festas, partilhando dos espaços públicos, criando e construindo espaços de sociabilidade que possam ser seguros e livres de opressão para vivenciarem e expressarem suas sexualidades. Na primeira pesquisa, feita com HSH entre 18 e 56 anos, entre 2018 e 2020, construímos mapas territoriais de sociabilidade off-line no Recife, territórios LGBTQIA+, como circuito de entretenimento. A segunda pesquisa trabalhou de 2017 a 2019, com coletivos sexodissidentes do Recife, que combinam em suas ações diversas linguagens artísticas e abordam criticamente questões relacionadas a dissidências sexuais e de gênero, numa perspectiva antinormativa. Em ambas existe a proposta de que estes sejam espaços seguros para encontros, experimentações e expressões sexodissidentes. Pretendemos trazer detalhes de cada uma das pesquisas, buscando refletir sobre produções de brechas no sistema, através da sociabilidade e das linguagens artísticas de enfrentamento e resistência, mas também de celebração de nossas vidas.

Palavras-chave: Sexopolítica. Sexualidade. Sociabilidade. Sexodissidência. Artes.

Abstract: We discuss the relationship between sociability and the possibility of sex-dissident expression, through the results of two researches: 1) on Social contexts, programmatic responses and subjective markings on the vulnerability to HIV/AIDS of men who have sex with men; and 2) on activisms and sex dissidents collectives, both held in Recife. We start from the decolonial and gender-dissident perspective, which demarcate the oppressive social organization as a necropolitical system to be fought, as well as the inseparability of patriarchy from capitalism and racism, emphasizing that the cisheterossexist system is also part of this genocidal “heterocapitalist” structure. Taking the issue of sociability as a motto, we question how sex-dissident people create gaps in the system, living together, relating, going to parties, sharing public spaces, creating and building spaces of sociability that can be safe and free from oppression to experience and express their sexualities. In the first survey, carried out with MSM between 18 and 56 years old, between 2018 and 2020, we built territorial maps of offline

sociability in Recife, LGBTQIA+ territories, as an entertainment circuit. The second research worked from 2017 to 2019, with sex dissidence collectives in Recife, which combine in their actions different artistic languages and critically address issues related to sexual and gender dissidence, in an anti-normative perspective. In both there is the proposal that these are safe spaces for encounters, experiments and sex dissidence expressions. We intend to bring details of each of the surveys, seeking to reflect on the productions of gaps in the system, through sociability and artistic languages of confrontation and resistance, but also the celebration of our lives.

Key-words: Sexual politics. Sexuality. Sociability. Sexual and gender dissidence. Activism.

INTRODUÇÃO

Este texto é escrito com base nos encontros. Tanto o encontro entre duas pesquisas, quanto o próprio encontro entre nossas pesquisadoras com os interlocutores das pesquisas que aqui se relacionam. Também partimos das interlocuções entre as experiências cis e trans, que nos constituem em nossos desejos de resistir e produzir brechas nas matrizes modernas coloniais como um todo, mas especificamente da heteronormatividade e do cissexismo.

Iremos refletir sobre a relação entre sociabilidade e possibilidade de expressão sexodissidente, a partir das duas pesquisas que desenvolvemos. A primeira, que ainda segue em desenvolvimento, trata sobre "contextos sociais, respostas programáticas e marcações subjetivas na vulnerabilidade ao HIV/AIDS de homens que fazem sexo com homens da Região Metropolitana do Recife" (RIOS, ADRIÃO, no prelo) e a outra, tratou sobre "ativismos e dissidências sexuais e de gênero", com coletivos considerados produtores de políticas de resistência à heteronormatividade em Recife (MEIRA, 2019).

Temos como base epistemologias decoloniais e feministas pós-estruturais, e nos inspiramos nos debates sexodissidentes, que negritam como opera a necropolítica (MBEMBE, 2021), que é materializada como uma organização social opressora que pretendemos combater. Nesse sentido, apontamos a indissociabilidade do patriarcado ao capitalismo e ao racismo (HOOKS, 1981/2014), ressaltando também a heteronormatividade (FALQUET, 2012; BUTLER, 2003; WITTIG, 1980a; 1980b; PRECIADO, 2014; COLLINS, 2017; BENTO, 2010) como um dos sustentáculos desse sistema necropolítico.

Compreendemos que a heterossexualidade compulsória compõe um sistema sexopolítico (PRECIADO, 2011) que também pode ser nomeado como "heterocapitalismo" (COLPANI, 2015), ou "heteropatriarcado", e que também é cisnormativo¹. A cisnormatividade

¹ Considerando que o conceito de "heterossexualidade" compõe uma matriz cissexista, que parte de uma binaridade de gênero. A heteronorma opera como um viés da cisnorma e a retroalimenta. Como regime político marcado por privilegiar pessoas que performam o gênero socialmente imposto,

é também conceituada como "cissexismo", definido por Jaqueline Gomes de Jesus (2012) como:

"Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero. O cissexismo, ao nível institucional, redundando em prejuízos ao direito à auto-expressão de gênero das pessoas, criando mecanismos legais e culturais de subordinação das pessoas cisgênero e transgênero ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais". (JESUS, 2012)

Reconhecemos nessa base epistemológica, como esse sistema sexopolítico é colonial, e que a base da colonização é o racismo, sendo importante apontar a necessidade de cada vez mais criar-se enfrentamentos aos sistemas do racismo e da branquitude (BENTO, 2002), com pessoas brancas se implicando e responsabilizando-se na luta antirracista e decolonial. Dito isto, gostaríamos de relacionar este referencial epistêmico com os dados que produzimos nas duas pesquisas, tomando a questão da sociabilidade como mote. Ou seja, como podemos refletir sobre a produção de brechas nesse sistema necropolítico, buscando pistas em como as pessoas sexodissidentes seguem produzindo vida e saúde, em atos cotidianos e simples: convivendo, se relacionando, se cuidando e prevenindo, indo a festas, partilhando dos espaços públicos? Como vamos criando políticas de resistência ao seguirmos construindo espaços de sociabilidade que possam ser seguros e confortáveis, tendo em vista todas as opressões pelas quais passamos? E mais: como não se deixar morrer e seguir vivendo e resistindo, insistentemente, pois combinamos, com todas as nossas forças, de não morrer?!

DESENVOLVIMENTO

Pensando em sociabilidade e dissidências sexuais e de gênero, num contexto opressor e necropolítico como o do Brasil, foi inevitável nos depararmos, nas duas pesquisas, com os temas em torno da segurança, da autodefesa, e das diferentes vulnerabilidades que se apresentam no contexto urbano, na relação com a cidade, seja nos momentos de ocupar espaços ou nos momentos de mobilidade entre os territórios. Iremos então, fazer uma breve apresentação das pesquisas e o contexto em que foram realizadas, para ir trazendo o possível em torno desses pontos.

designado ao nascimento, associando erroneamente gênero à genital, e privilegiando mais ainda, pessoas cis que são hétero, estruturando-se pela equivocada naturalização de uma linearidade entre sexo-gênero-desejo.

1. As pesquisas

A primeira pesquisa que apresentaremos é a sobre homens que fazem sexo com homens (HSH) e sociabilidades, que traz uma construção de percursos, mapas territoriais de sociabilidade off-line na cidade de Recife, a partir de entrevistas com HSH entre 18 e 56 anos, nos anos de 2018, 2019 e 2020 (RIOS e ADRIÃO, no prelo). Denominado de “Vale das Ninfas”, e localizado no centro do Recife, este território LGBT da cidade é frequentado também por pessoas heterossexuais, por pessoas cis e trans, e é bastante reconhecido como circuito de entretenimento LGBT, gerando renda para as boates e bares locais. Há um recorte de classe na frequência das pessoas que ali vão, e em como elas circulam dentro desse território: algumas vão fazer um “esquentar” no posto de gasolina próximo à parada de ônibus, como forma de economizar dinheiro para, talvez, entrar em alguma boate depois. Ou ainda passarão toda a noite na rua, na entrada dos bares e boates do “vale”. Outros vão gastar dinheiro nos bares vizinhos às boates, ou dentro delas, diretamente. Outra característica que evidencia este recorte, é a forma como nossos interlocutores transitavam para chegar ou partir do vale. É frequente entre as classes mais populares chegarem e partirem através dos transportes públicos, por isso, é bastante comum que eles cheguem (bem) antes das festas começarem, e partam depois que elas acabem, enquanto o público mais abastado costuma se locomover através de táxis ou aplicativos de transporte, podendo assim, comparecer ou regressar no momento em que quiserem.

Nesta pesquisa ainda foi vislumbrado como os HSH interagem em outros ambientes fora do vale das ninfas. Para além do vale, alguns outros espaços são reconhecidos enquanto espaços LGBTs, contudo, o que nos chamou a atenção foram os “espaços cinza”², locais que tradicionalmente não são reconhecidos enquanto LGBTs (ambientes cisheteronormativos), mas são bastante frequentados por pessoas não-hétero. Estes espaços seriam: as intermediações do bairro do Recife Antigo, e alguns bares da Zona Norte e Oeste da cidade.

O que nos parece é que o que chamamos de “estilizações de gênero”, ou seja, as maneiras de estar e performatizar corporalmente um certo modo de subjetivação pautado nas diferenças de gênero (RIOS, 2020), influenciam na escolha dos locais a se frequentar. Neste sentido, os participantes classificados como “boys” possuem uma maior facilidade em se integrar em espaços cisheteronormativos, possuindo inclusive um maior sentimento de segurança em decorrência de suas performances se aproximarem do padrão de masculinidade hegemônica em nossa sociedade. No outro extremo, os entrevistados que adotam uma

² Nossa decisão de descrever esses espaços dessa forma decorre da não identificação desses locais enquanto espaços LGBTs, mesmo que a assiduidade deste público seja bastante elevada nos espaços públicos e de interação social entre pessoas.

performance dentro de um espectro tido como pertencente à feminilidade, chamados, por assim dizer, de "pintosas" (RIOS et al, 2019), usualmente frequentam mais espaços classificados como "LGBTs". Estes participantes também relatam que só se sentem confortáveis em frequentar "barzinhos e shows de brega", por exemplo, quando estão em um grupo de amigos LGBTs, pois sozinhos ou até mesmo em dupla não consideram que podem expressar suas sexualidades e performatividade de gênero plenamente.

Desta forma, essa cisão de gênero entra no debate sobre performatividade e passabilidade³ ao passo que nossos colaboradores se direcionam para os espaços com fins de socialização. Esses são espaços onde eles vão para se divertir, dançar, beber, e conversar com os amigos, bem como encontrar parceiros afetivos e sexuais. Assim, parece-nos evidente que alguns corpos podem se movimentar com maior segurança e liberdade pelo espaço urbano, enquanto outros precisam recorrer a ambientes comunitários ou então fazer uso de estratégias de resistência e enfrentamento que lhes permitam ocupar uma maior variedade de espaços e transitar pela cidade em segurança.

Sobre a noção de "passabilidade", entende-se que quanto maior a possibilidade de "passar despercebido" em espaços, ou seja, não ter sua dissidência de gênero ou sexualidade identificada, "passando" pelo olhar alheio em algum contexto social, isso irá garantir mais acesso e segurança, proporcionalmente. Porém, isso depende de relações distintas, o que impossibilita assumir a passabilidade como um status de segurança plena. Ou seja, não ser identificado como dissidente, em alguns espaços, pode ser uma estratégia de esquiva da violência, no entanto, como um tipo de imposição, também pode significar uma reiteração da norma. Sobre isso, afirma-se: "A passabilidade, implicada em uma performatividade de gênero, dispõe um conjunto de atos regulados e repetidos que asseguram uma imagem substancial de gênero no registro de uma matriz heterossexual e cisgênera" (PONTES, DA SILVA, 2017).

A outra pesquisa, teve como objetivo geral investigar como ativismos anti sistêmicos estavam sendo produzidos por coletivos sexodissidente, recifenses, de 2017 a 2019. Buscou-se fazer um mapeamento de movimentações de coletivos que estavam criando ativismos sexodissidentes em Recife, e analisar como essas (cri)ações e intervenções podiam ser entendidas como atuação política na cidade, como um tipo de militância de combate a cisheteronormatividade. Os coletivos sexodissidentes que foram interlocutoras da pesquisa foram: A "Monstruosas" e a "Distro Dysca", que existem desde 2013, a "Infecciosxs", que

³ É a capacidade de uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária que seja diferente da sua. Pode incluir identidade racial, etnia, classe social, orientação sexual, gênero, religião, idade, entre outras categorias sociais. Ser passável pode resultar em privilégios ou aumento de aceitação social. Assim, por exemplo, uma mulher trans que possua passabilidade pode ser identificada enquanto mulher cis em determinado contexto.

existe desde 2014, a “Ocupe Sapatão”, desde 2016 e a “Hypnos”, desde 2017. Todos são coletivos que abordam e são atravessados de forma crítica por questões relacionadas a dissidências sexuais e de gênero, numa perspectiva de combate à normatividades e sistemas opressores (como o capitalismo, o colonialismo e o racismo), e combinam em suas ações diversas linguagens artísticas, hibridismo comum nas artes contemporâneas.

Todos esses coletivos promoviam eventos, com a motivação de “criar espaços” (físicos e simbólicos). Alguns focavam em produzir festas (como a “infecciosxs”, “hypnos” e “ocupe sapatão”), e outros promoviam também debates, oficinas e outros formatos de espaços de formação (como a “distro dysca”, “monstruosas” e “ocupe sapatão”). Em todos os casos, existia a proposta de que todos estes sejam espaços seguros de encontros, que possam proporcionar expressões e experimentações dissidentes. Outra característica em comum entre os coletivos é a aposta no uso do corpo, através da criação de performances por várias das pessoas participantes dos coletivos. As performances, no entanto, tendem a acontecer como processos mais individuais (ou “íntimos”) de construção, do que coletivos. As interlocutoras tinham perfil diverso no que se refere à raça, gênero e sexualidade; tinham pessoas brancas e negras, cis e trans, atuantes com diversas linguagens artísticas, mas eram jovens, e de forma geral, a maioria das entrevistadas foram pessoas não binárias.

Uma das diferenças entre as duas pesquisas é que a primeira foca nos indivíduos, nos sujeitos socializantes e suas experiências, e a segunda foi realizada com grupos, focando em suas construções coletivas, atentando aos processos internos grupais, nas construções de ações e intervenções artísticas criados coletivamente. Nesse caso, amplia-se a questão da perspectiva da sexualidade de cada pessoa, para a perspectiva de como os grupos estavam disputando sentidos no campo da sexualidade, através das artes e das construções estéticas.

Uma outra distinção relevante é que a pesquisa com os HSH se vale dessa categoria para abranger também (mas não em sua maioria, veja-se por exemplo o caso das pintosas) os homens que se autodeclararam heterossexuais e desempenham práticas homoeróticas, ao contrário da segunda pesquisa, na qual o terreno da autodeterminação sexual e de gênero é tido como um posicionamento político assumido na contramão das hegemonias. Isto é, para os participantes da segunda pesquisa, autodeclarar-se trans, não binária, gay ou "bixa", lésbica ou "sapatão", é um direito e também um enfrentamento a identidades normatizadas (até mesmo dentro do movimento LGBTQIA+). A crítica aos limites do movimento identitário também aparece como uma característica na auto identificação como pessoa sexodissidente e no próprio movimento sexodissidente no geral.

Nesta segunda pesquisa, como atuam enquanto coletivos, criando os próprios espaços, há uma organização de proteção que permite um rasgo no sistema de forma mais forte e mais

pública. As festas: “Infecciosxs”, “Ocupe Sapatão”, “Hypnos”, “Danzando em Revolta”... formavam uma rede de movimentação de “fervos”, ocupando vários espaços da cidade. Em todas as festas, uma afirmação estava sempre presente: “não será tolerada nenhuma forma de discriminação”. Estas coletivas-festivas criavam e produziam – dentre outras coisas – festas que “não toleram a intolerância”, e tem algo em comum: a criação de espaços “*undergrounds*”, submundos na “provinciana” Recife.

Antes da criação dessas festas, os únicos espaços existentes voltados as pessoas dissidentes eram espaços físicos, casas de festas, clubs e boates que eram denominadas como “boates gays” e que depois foram renomeadas como “espaços LGBT”, como o citado vale das ninfas, que para as interlocutoras da segunda pesquisa, é visto como o que ha de mais *mainstream* no LGBT, com reprodução de normatividades e a apropriação do chamado mercado do “*pink money*”. Nesse sentido, essas coletivas-festas criadas disputam espaço com esse circuito do mercado convencional, o que gerou uma mudança significativa nos territórios de possibilidades de socializar num meio dissidente, no Recife.

Outra especificidade desses eventos e festas, que também faz um contraponto ao circuito das boates e a essa crítica ao mercado do “*pink money*”, é a preocupação das coletivas-festas em possibilitar a entrada nos espaços. As festas costumam ter valores acessíveis por uma escolha política, não só em seus ingressos, mas também no cardápio, entre as opções e preços oferecidos no bar. Além dos preços acessíveis, as festas tem em comum a aposta em políticas de acesso sociais, como as listas “*trans free*”. Desde a primeira edição, a “infecciosxs”, assim como a “hypnos” (que surgiu anos depois), sempre tiveram a lista “*trans free*” como uma questão de afirmação política: pessoas trans podem não pagar para entrar, enviando seus nomes para a organização do evento para estarem na lista de entrada grátis. De tanto ser usada, algumas coletivas-festas até estabeleceram a lista “*trans free*” como fixa: se o nome da pessoa entrou na lista em uma festa, continuará para as festas seguintes, sem precisar enviar de novo a cada evento.

Várias pessoas relatam como é diferente a vivência nas festas independentes das experiências proporcionadas por esses espaços “dados”, em termos de experienciar possibilidades outras. Os relatos são sobre o impacto que gera nas subjetividades dissidentes, essa possibilidade de ter lazer em espaços seguros para vivenciar a liberdade de expressão dos corpos, de experimentar a própria corporeidade e suas potencialidades dissidentes, a partir de outras formas de socialização, de sonoridades outras, e da presença do hibridismo de vários tipos de artes integradas em um espaço em que a estética proposta dá “o clima sinestésico” da experiência. Como acessar um portal, ou como diria o anarquista Hakim Bey (2003), como adentrar numa “zona autônoma temporária” (TAZ), ou seja, em um “enclave livre”. A criação

e ativação de espaços na cidade se reflete também em uma vontade de ocupar a rua de diversas formas. Seja com performances, ou levando as festas pras ruas.

2. Sociabilidade e a vulnerabilidade ao HIV/AIDS

As formas de sociabilidade foram tratadas na primeira pesquisa de forma a compreendermos sua relação com a vulnerabilidade⁴ ao HIV/AIDS. Buscamos compreender as relações entre práticas homoeróticas e prevenção do HIV e as relações entre vulnerabilidade, sociabilidade e espaços como festas ou circuitos alternativos.

Acompanhemos o que nos conta um participante da primeira pesquisa, sobre seus circuitos de sociabilidade e suas relações com vulnerabilidades e espaços de segurança:

“Mas sobre os locais não necessariamente LGBTs que eu frequento eu posso te dizer que é só a casa de algum amigo hétero. Porque? Eu não me sinto confortável nesses espaços que são majoritariamente heteronormativos. Por que não me sinto confortável? Por conta dos olhares, por conta dos julgamentos das pessoas, por que às vezes você quer dar uma pinta, fazer uma coisa assim, falar algo, e as pessoas olham e recriminam, e eu fico com medo de apanhar também. E que lugares são esses? Barzinhos, shows de brega e tal, eu não me sinto confortável de ir pra esses lugares se eu não tiver um grupo de pessoas junto de mim, um grupo de amigos LGBTs pra a gente estar lá existindo todo mundo junto. Sozinho ou em dupla eu não me sinto confortável. Então o lugar que eu frequento que não seja necessariamente LGBT é a casa de algum amigo hétero”. (trecho de entrevista da pesquisa com HSH, jovem pardo, 26 anos, RMR)

Este jovem acima, e outros entrevistados, matizam os espaços em virtude do que é "permitido" de se realizar, ou não. Ao expandirmos essa interação, conseguimos explorar o campo da expressão da sexualidade para além da demonstração pública de afeto. Embora nos ambientes tachados como cisheteronormativos a expressão de afeto entre os HSH aconteça de forma mais contida, é frequente que nossos interlocutores recorram a estes ambientes quando seu objetivo é o flerte, ou um encontro romântico com seus pares previamente envolvidos. Ao contrário das mediações do vale das ninfas (ruas ou boates), onde o dispositivo do flerte surge de maneira mais intensa entre indivíduos que acabaram de se encontrar, podendo culminar até em atos sexuais no próprio ambiente.

A maioria dos interlocutores conhece e faz uso de preservativo em suas relações sexuais casuais. A camisinha começa a ser deixada de lado quando há o acordo com o parceiro fixo (namorado ou esposo), ou, quando há a relação com algum amigo de confiança, neste último

⁴ Compreendida como a produção intersubjetiva, social e programática da suscetibilidade de exposição ao agravo.

caso, nossos entrevistados não realizam testagem prévia. Nossos colaboradores ainda demonstraram saber sobre a existência de novas formas de prevenção ao HIV, como a profilaxia pré e pós exposição (PrEP e PEP), contudo, no que diz respeito a melhor maneira de realizar seu uso, demonstraram pouco conhecimento, e alguns demonstram desconfiança sobre estes métodos. Ao relacionarmos esses dados e análises citados da primeira pesquisa, com a segunda pesquisa, que trabalhou com o conceito de sexodissidência, pretendemos também refletir sobre o conceito de vulnerabilidade à partir dessa relação com categorias identitárias, fazendo esse contraste e apontando algumas reflexões.

"Sexodissidência" é um termo que parte da compreensão do regime sexopolítico autoritário que se impõe aos corpos dissidentes da "normalidade" cis hétero. Como afirmou Isabela Meira (2019, p.13): "Se refere a ações, atitudes, práticas culturais, agitações políticas, movimentações e identidades dissidentes sexuais e de gênero, que não se alinham às normas e tecnologias socialmente impostas pela heterossexualidade".

"O que é denominado "sexodissidência" são práticas, atitudes, uma forma de estar no mundo, uma postura dissidente da normatividade, não uma identidade fixa. Isso significa englobar corpos que não se enquadram nas normas binárias de gênero, sexualidades dissidentes – não só identidades LGBTI+, mas também práticas sexuais marginalizadas como sadismo/masochismo, BDSM, fetiches, fantasias sexuais, dentre outras – além de manter a perspectiva interseccional". (MEIRA, 2019, p.128)

Ressaltamos que a vulnerabilidade está relacionada a práticas sexuais com a falta de prevenção e não uso de preservativo, por exemplo, e não necessariamente a identidades específicas, como em outros períodos históricos, em que a vulnerabilidade ao HIV/AIDS era diretamente associada a homossexualidade, o que foi um equívoco errôneo, que gerou muitos estigmas. Nesse sentido, é necessário ter esse cuidado, de não associar a homossexualidade à maior probabilidade de HIV/AIDS. Vale lembrar que a pesquisa de HSH trata de práticas homoeróticas, então, não se restringe a homens homossexuais, o que inclui homens que se identificam e se autodeclararam bissexuais ou heterossexuais que desempenham práticas homoeróticas. Inclusive, ha alguns anos, a maior incidência de novos casos do vírus, tem sido maior entre héteros (inclusive homens e mulheres), porém, a maior incidência é entre o grupo de HSH (inclusive homens gays, bissexuais, héteros, etc.), portanto, não faria sentido associar a vulnerabilidade ao HIV/AIDS à uma categoria identitária, como a homossexualidade.

A falta de informação ainda é a maior causa do estigma que gera muitas violências com quem convive com o HIV/AIDS no Brasil, o que mantém o temor e a repulsa, associando pessoas soropositivas à fragilidade, e a infecção a uma sentença de morte, gerando rejeição a pessoas que convivem com o HIV. No movimento sexodissidente, interlocutor da segunda

pesquisa, tem-se buscado fomentar o diálogo em relação à temática com discussões mais atuais sobre o tema. Nesse sentido, destacamos as "monstruosas" como uma coletiva que se articula com outras abrindo esse debate de forma transversal a temas como a pós-pornografia e o trabalho sexual. Nos momentos que se debate HIV/AIDS, sempre destaca-se a necessidade de falar sobre questões raciais e de classe, pois ainda é grande o número de pessoas que não conseguem acessar os tratamentos, e atenta-se ao fato de que, atualmente, a população preta e de baixa renda é a que mais morre em decorrência da AIDS.

Considerando o caráter pedagógico da pornografia, considera-se importante a criação de outras narrativas, com menos tabu, em torno desse tema e outros que necessitam cuidado e prevenção, em contrapartida aos imaginários estigmatizantes, podendo ampliar o debate, sobre métodos de prevenção e tratamentos atuais, informar sobre a impossibilidade de transmissão quando se está indetectável, e outras informações que podem auxiliar para que a autoestima de pessoas soropositivas seja menos afetada pela convivência com o vírus, pelo estigma e pela desinformação, que geram violências e discriminações.

No movimento sexodissidente, a ideia é que o pós-pornô contribua no debate sorológico associando o prazer ao cuidado da saúde sexual. No mais, pensando em estratégias de segurança, retomamos um dos principais pontos em comum entre as duas pesquisas: a relação com a cidade, com o território, e com os diversos espaços.

3. A cidade, o território, os espaços & as estratégias de segurança

Nas duas pesquisas, analisar sociabilidade nos levou a tratar de segurança e territorialidade, como as sociabilidades acontecem ou não à partir das (im)possibilidades de se acessar espaços seguros. Na primeira, a partir de resistências mais individualizadas. Os interlocutores contaram que preferem ir a espaços reconhecidos como LGBTs para, assim, poderem performar feminilidade, flertar e demonstrarem afeto em grande intensidade sem medo de represálias. Enquanto este tipo de comportamento necessita ser mais contido ou em menor intensidade nos ambientes cisheteronormativos. Outra estratégia utilizada pelos entrevistados na pesquisa com HSH diz respeito a importância das amizades para a inserção e manutenção dos espaços. Com frequência, nossos colaboradores mencionaram que o primeiro contato com os espaços LGBTs tenha acontecido através da sugestão de amigos/as, e não obstante, a segurança passada para eles das atividades realizadas em grupo.

Na outra pesquisa, a temática da (resistência à) violência foi um tema muito presente nas entrevistas. Como os coletivos pensavam o enfrentamento e prevenção à violência, autodefesa e estratégias para lidar com a (in)segurança. Algumas especificidades nas formas dos coletivos lidarem com questões específicas, como a segurança, tanto se reflete nas ações,

quanto também se apresentou como um dissenso, evidente quando se atenta às políticas de acesso. A importância da política de “trans free” foi um dos poucos consensos existentes entre as coletivas-festas, e as tensões surgem mais fortes nas diferenças entre o restringir ou não a entrada de homens cis héteros dos espaços criados. As duas propostas (tanto a do separatismo quanto a da não-restrição) geram reações distintas, mas em todo caso, apontam sobre como a presença do “macho” gera uma tensão, um alerta de perigo de violência opressora, mas também raiva, que pode ser a força motora da autodefesa. O “separatismo”, em suas muitas formas, é sempre uma pauta geradora de dissensos. Algumas autoras discutem graus de separatismo feminista, onde pratica-se, em algum nível, a separação dos “machos” e instituições por eles dominadas. Além da segurança, políticas separatistas visam aumentar o encontro, as trocas e o pertencimento entre um grupo.

Em festas que não restringiam nenhum tipo de pessoa, frequentada por toda uma pluralidade, como as festas das “infeciosxs”, as pessoas formam uma segurança autogerida. A autodefesa se forma espontaneamente no momento da festa, caso seja necessário, como relatado no seguinte trecho de entrevista, sobre a única situação de conflito que já ocorreu em anos de “infeciosxs”:

"Nunca rolou uma confusão dentro da festa, é um lugar frequentado por hétero, por bixa, travesti, por não-binária... Pessoas em situação de rua, que estavam ali no rolê, sacou, e a gente deixou entrar, enfim... As pessoas que se sentiam de estar a vontade ali no lugar, entravam. A única vez... Da gente precisar usar força física, enquanto um coletivo (...) Foi uma situação. Uma pessoa muito bêbada, um cara hétero muito louco, estava na porta e queria entrar e a gente disse que não, por que a gente não contrata segurança, a gente faz a segurança da gente mesma, e aí, quando a gente barrou essa pessoa na porta, essa pessoa começou a fazer confusão. Foi aquilo que a gente tinha identificado que iria acontecer: essa pessoa iria causar confusão. E aí essa pessoa foi desrespeitosa com uma mulher trans que tava na porta, e aí rolou toda uma comoção por parte das outras pessoas, de autodefesa mesmo, e a galera partiu pra cima, botou o cara pra correr, e o cara voltou sendo violento, agrediu uma das meninas, e a galera foi pra cima e revidou. Ou seja... Será que a gente tem conseguido juntar um núcleo de pessoas que prezam pela segurança de todas e querem pra si esse espaço seguro? Acredito que sim" (COSTA, 2019, p.53).

Foi curioso constatar que na “infeciosxs”, apesar de não restringir, os “machos”, como são chamados, não chegam. Na “ocupe sapatão”, mesmo restringindo, eles chegam, e causam confusão. Como neste trecho de entrevista, onde Viq Vic (2019) afirmou: “*Sempre! Não teve nenhuma edição que não causou problema, o fato de não poder entrar homem, sabe? Não consigo lembrar de nenhuma*”, e pontuou que o separatismo, a restrição era específica para tais “machos”: homens cis héteros. Pessoas dissidentes da heterossexualidade, cisgeneridade e/ou masculinidade hegemônica – pessoas trans, bichas e homens gays – podiam entrar. Na “ocupe sapatão”, o separatismo, assim como a perspectiva alinhada à interseccionalidade, é relacionado a “vulnerabilidade dos corpos”, que por sua vez, na práxis, refere-se a necessidade

de criar espaços seguros para corpos em vulnerabilidades específicas, mesmo que para momentos “de lazer”.

Na segunda pesquisa também observou-se como a criação dos próprios espaços foi uma estratégia de resistência coletiva, considerando que algumas normatividades e violências estavam presentes mesmo dentro de espaços “inclusivos”, tidos como sensíveis para acolherem a diversidade, como no circuito “LGBT” do vale das ninfas. Nessa lógica, se a cidade não nos oferece esses espaços, vamos criá-los. Se a liberdade não nos é dada, nós nos daremos condições de vivenciá-la, assim como provoca o conceito das “zonas autônomas temporárias” (TAZ), de Hakim Bey (2003), termo que pode ser compreendido como referindo-se a espaços de liberdade, que podem ser criados, sem opressão e sem hierarquias de poder, por um período “temporário”. Essa não-continuidade, com à mobilidade no território, é o que evitaria a “captura” pelo sistema. Sobre essas “TAZ”, em relação às festas criadas pelas coletivas, Isabela Meira (2019) refletiu sobre essa busca de lugares possíveis de serem ocupados, para exercício da plena liberdade, mas por tempo delimitado, quando afirmou: “Outros mundos? Submundos? Ou “apenas” quaisquer espaços para vivenciar nossas utopias? A utopia sonhada (ou distopia) materializada em um lugar do mapa, por um tempo específico. Nesse caso, a maior utopia (possível) é a liberdade plena” (MEIRA, 2019).

Nesse ponto, consideramos importante mencionar o valor da arte como possibilidade de criar brechas, outras linguagens, outras estéticas. A arte como linguagem de resistência que, na perspectiva decolonial, vai promover acesso a linguagens decoloniais, que resgatem tradições dos povos originários e de matrizes africanas, promovendo rasgos na linguagem normatizadora e colonizante. Citamos também a noção de redes criativas de Angela Philippini (2011), que vai tratar de como podemos alçar respiros e novas formas de existência, a partir de reconexões com nossas pulsões de vida e de criatividade pulsantes!

As relações com a cidade podem então, serem traçadas através de memórias e de ocupações territoriais, de corpos-territórios que ousam rasgar as normatizações cis heteros. As artes proporcionam a criação de espaços (físicos e simbólicos) mais ou menos possíveis de existência para os desejos e afetos sexodissidentes. Nestes rasgos existenciais, há uma criação de resistências de raça, classe, gênero e sexualidades, contra o heterocapitalismo, as políticas governamentais, necropolíticas e as violências, em busca de caminhos coletivos de espaços seguros e de autodefesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos em sociabilidade, pensamos nos espaços dados e nos espaços criados, nos espaços públicos e privados, de lazer, de festas, pensamos então, nas relações de classe, no capitalismo; pensamos na função do entretenimento, e também na criação de artes, e como estas podem ser atos políticos, à partir do momento que saímos de uma posição mais passiva diante do contexto político e socialmente normativo, e vamos assumindo uma posição mais ativa e criativa, nos apropriando de nossas vivências dissidentes e produzindo outras narrativas e outras estéticas, como um tipo de política de resistência.

Inevitavelmente, analisando como a necropolítica opera no cotidiano e no micro, chega a provocação de como potencializar as produções de vida, e de possibilidades de vivenciarmos prazeres e quem sabe, nossa distópica sensação de liberdade. Ao falarmos de sexualidade, entendemos também que o fluxo da libido é um fluxo de criação e criatividade, por isso, pensar pela via da arte e da expressão mostrou-se um caminho, com pistas interessantes, como algo que vale se praticar e ampliar. Quando os espaços nos oprimem, como podemos criar, mesmo que temporariamente, espaços seguros para vivências de liberdade, através da arte?

Recife é uma cidade que inspira arte por todos os lados, mas sabemos que essa semente criativa de resistência está presente dentro de cada ser, em todas as cidades e lugares que também reproduzem opressões. Onde há opressão, repressão, controle e necropolítica, haverá também resistência, criatividade, e um fluxo de vida incapturável!

Analisamos que a sensação de liberdade, em ambas as pesquisas, refere-se a territórios "livres" de julgamentos. Na primeira pesquisa, os HSH não se sentiam confortáveis em alguns espaços, por não se sentirem acolhidos e respeitados simplesmente como são. Se sentiam julgados, reprimidos por até mesmo por olhares discriminatórios. Na segunda, o campo-território criado nas festas comumente era referido como um espaço de liberdade pelas pessoas não se sentirem julgadas umas pelas outras que também estavam presentes. Havia um consenso sobre como é marcante a possibilidade de ter encontros e momentos de lazer em uma atmosfera de respeito. Diz de uma outra forma de vivenciar a cidade, e ocupá-la. Assim, pode-se exercer modos de ser autênticos, criativos, com menos tabus no que se refere a expressões da sexualidade e de gênero, experimentações de formas de ser dissidente, sendo possível se divertir sem medo, sem violências e desrespeito nem mesmo através dos olhares.

Assim, podemos desviar um tanto da narrativa comum que associa as dissidências sexuais e de gênero à violência e à morte, e podemos vivenciar e falar sobre desejos, expressões, prazer, criatividade, criações, arte, diversão, festas, e como tudo isso também opera como uma resistência política. Sabemos bem que sistemas enfrentamos, e por isso, consideramos que a resistência também ocorre internamente, em nossas subjetividades, não

permitindo que capturem nosso imaginário, nossos sonhos, desejos e mentalidades. Por isso, não só "combinamos de morrer", como combinamos também de morrer só se for de prazer!

Inspiradas nas experiências da segunda pesquisa, acreditamos e fortalecemos a arte e os processos criativos como possibilidades de produzir rasgos na modernidade colonial, produzindo discursos-gagueiras que retornem aos saberes que foram silenciados, aos desejos que foram e continuam a serem negados, permitindo que sigamos existindo e sendo felizes, interlocutores, pesquisadores, e de forma geral, pessoas dissidentes presentes em toda nossa sociedade. Juntas, fomentamos novas estéticas, narrativas, e imaginários, tendo em vista que essa disputa não ocorre apenas no âmbito dos direitos e das leis, mas também é, em paralelo, uma disputa de mentalidades.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. As tecnologias que fazem os gêneros. *In: Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Género, 8.*, 2010.

BENTO, Maria Aparecida S. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. Autonomedia, 2003. Tradução: Patrícia Decia & Renato Resende.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLINS, Patrícia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, 5(1), 6-17. 2017.

COLPANI, Felipe Pancheri. **Corpus, máquinas & afetos: as experiências homossexuais na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, 2015.

COSTA, Caetano. Entrevista #3 - Infecciosxs. [dez. 2018]. Recife, 2019. *In: MEIRA, Isabela de França. Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri) ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife, 2019.*

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012. Tradução de Renato Aguiar.

hooks, bell. **Ain't I a Woman? Black Women and Feminism**, New York, South End Press, 1981. Não sou eu uma mulher?. Mulheres negras e feminismo. Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, v. 2, p. 42, 2012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

MEIRA, Isabela de França. **Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri) ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife**, 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MEIRA, Isabela de França; ADRIÃO, Karla Galvão. Artivismos em movimentos coletivos de dissidências sexuais e de gênero: entre dissensos e a insurgência das (cri) ações de resistência a heteronormatividade de Recife para o novo mundo. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.3, n.10, p.294-324, 2020.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Tradução de Cleiton Z. Münchow e Viviane Teixeira Silveiras. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, v. 19, n.1, 2011.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual – Práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PHILIPPINI, Angela. **Grupos em arteterapia: redes criativas para colorir vidas**. Rio de Janeiro: Wak, p. 129-148, 2011.

PONTES, Júlia Clara de; DA SILVA, Cristiane Gonçalves. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017.

RIOS, Luís Felipe et al. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 65-89, 2019.

RIOS, Luís Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. **Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais**. **Saúde e Sociedade**, no prelo.

RIOS, Luis Felipe. Era uma vez... Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19 [memorial para professor titular]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco; 2020.

VIC, Viq V. Entrevista #5 – Ocupe Sapatão. [jan. 2019]. Recife, 2019. In: MEIRA, Isabela de França. **Artivismos e dissidências sexuais: movimentos coletivos de (cri) ações estéticas e políticas de resistência à heteronormatividade em Recife**, 2019.

WITTIG, Monique. **Ninguém nasce mulher**. 1980a. Disponível em: <http://mulheresrebelde.blogspot.com/2009/04/ninguem-nasce-mulher.html>. Acesso: 17 nov. 2017.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero**. EUA: 1980b. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/266100494/Wittig-Monique-O-Pensamento-Hetero-pdf>. Acesso: nov. 2017.